

ENSINO DE GEOGRAFIA¹:
LINGUAGEM, REPRESENTAÇÃO E SÍMBOLOS

Angélica Mara de Lima Dias²
angelicalima_caico@yahoo.com.br

Jeyson Ferreira Silva de Lima³
jeysonfsl@yahoo.com.br

Prof^a. Dr^a. Ione Rodrigues Diniz Morais⁴
ionerdm@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho reúne considerações sobre o ensino de Geografia a partir da importância do uso de recursos didáticos, como o desenho, no contexto da sala de aula. Para discutir a temática trouxemos uma abordagem cultural e assim trabalhar noções de representações e linguagem na Geografia. Desta forma, elegemos dentre as diversas formas de linguagem existentes o desenho enquanto instrumento metodológico de para o ensino de Geografia defendendo que os conteúdos desta disciplina aliados a utilização de recursos didáticos, se torna mais significativo. Nosso objetivo é revelar a importância das práticas educativas mediadas por recursos didáticos alternativos no processo de ensino-aprendizagem, pois acreditamos que ao utilizar novas linguagens como propostas metodológicas, o ensino se torna mais significativo possibilitando a ligação entre os conteúdos programáticos e a realidade cotidiana.

Palavras-chave: representação, desenho, ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

O conhecimento geográfico acompanha a trajetória evolutiva do homem como habitante da superfície terrestre. Desde o início dos tempos, o homem sentiu a necessidade de se localizar, identificar e nomear lugares, representar e descrever o espaço. A vivência em sociedade é um traço cultural marcante no processo civilizatório da humanidade. Desse modo,

¹ Este artigo é resultado do minicurso ministrado no II Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão do Centro de Ensino Superior do Seridó, intitulado “Entre percepções e representações do espaço: o desenho da cidade contemporânea”.

² Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba.

³ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁴ Professora pesquisadora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

cultura e civilização são conceitos cujos significados encontram-se atrelados. Para Nobeert Elias (1994, p. 24; 25), a civilização “diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se constantemente ‘para frente’”, enquanto a cultura ou o conceito de cultura está relacionando a delimitação, a “individualidade de um povo” (ELIAS, 1994, p.25).

Na história das civilizações constata-se a necessidade humana de conhecer o espaço e, conseqüentemente, apreender informações sobre o mesmo, atribuindo-lhe valores. Outrossim, também se tornou um imperativo a comunicação entre os homens, por meio de símbolos. Desse modo, a representação é concebida enquanto uma construção histórico-social, que apreende características de tempo/espaço e representa aquilo que adquire importância espacial e simbólica. Como forma de linguagem imbuída de signos e valores, a representação afigura-se um instrumento de comunicação e uma ferramenta metodológica eficiente no que se refere às práticas educativas. Senso assim, a abordagem metodológica ora apresentada se insere no campo da Geografia Cultural, que conforme McDowell (1996, p.159):

É atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

Com base nessa premissa, torna-se reconhecível que a Geografia Cultural é um campo rico para a educação geográfica, em virtude da pluralidade de temas que aborda, sendo ferramenta importante para a análise dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

De modo geral, no âmbito de sua atuação, o professor se depara com a necessidade de planejar e desenvolver metodologias que servem de meio para viabilizar o processo de ensino-aprendizagem. É importante lembrar que esta situação se sucede em todos os níveis de ensino, do fundamental ao superior. No Brasil, há indícios de que a aula expositiva é uma das metodologias mais recorrentes. Reconhece-se que, dependendo da densidade da exposição, da natureza do conteúdo, dos objetivos da aula, entre outros fatores, pode ser considerada eficiente. Todavia, também dependendo de alguns atores, como os já citados, pode se mostrar limitada quando não associado a outros procedimentos metodológicos e/ou recursos didáticos.

Neste trabalho, refletimos sobre a representação, enquanto forma de linguagem expressa por meio do desenho, como importante veículo didático para o ensino de Geografia, em uma abordagem cultural. O trabalho tem como objetivo evidenciar a importância da

compreensão de conteúdos da Geografia, enquanto disciplina escola, a partir da representação gráfica (imagética), ou seja, o uso do desenho como estratégia metodológica.

Os recursos didáticos são componentes da aprendizagem que estimulam os alunos. Fazendo uso de tais componentes em sala de aula, colaboramos para que o aluno construa uma nova visão do espaço; desperte o interesse pelos temas geográficos; obtenha informações e dados para a compreensão dos fenômenos espaciais; tenha sua aprendizagem facilitada e potencializada; ilustre noções mais abstratas; desenvolva a experimentação concreta. Os recursos de ensino são aportes importantes tanto para o professor no decorrer da aula, quanto à produção de conhecimento do aluno.

Com base na perspectiva da educação como um processo interdisciplinar e no desenvolvimento da educação geográfica, refletimos sobre a utilização da representação, como forma de linguagem, que possibilita compreender a organização do espaço geográfico. Para tanto, trabalhamos com a ideia de que ler e escrever sobre o lugar de vivência ou experimentado é mais que uma técnica de leitura de mundo, é compreender as relações existentes no contexto do fenômeno sócioespacial analisado.

REPRESENTAÇÃO, GEOGRAFIA E CULTURA

Desde épocas remotas as sociedades se expressam por meio de representações, sendo estas expressões culturais, conforme coloca Wagner e Mikesell (2000, p. 114): “a cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos”.

As pinturas rupestres feitas em paredes de cavernas, os blocos de rochas, pergaminhos, papirus são exemplos da prática de representar através de símbolos, que trilham o passado mais remoto, chegando aos dias atuais, quando o papel e o meio digital aparecem como veículos de representação. Segundo Galvão (2007, p. 53):

Essas representações sempre foram impregnadas de valores provenientes da sua própria cultura e representavam caminhos, rotas, riquezas, mitos, lendas, medos, etc. Portanto, as representações se constituíam enquanto forma de linguagem das diferentes civilizações, unindo aspectos objetivos aos subjetivos, práticas a valores, mitos aos fatos comprovados, constituindo-se no verdadeiro ‘ver’ das sociedades.

Assim, representação está relacionada a linguagem, sendo imbuída de signos e singularidades próprias das sociedades, refletindo a percepção de cada uma destas em relação

ao seu espaço vivido, “atrelando-se, à produção de imagens subjetivas, que possuíam referência nas relações objetivas, afetivas, políticas e culturais” (GALVÃO, 2007, p. 53). A definição de linguagem pode ser atribuída, não só a língua, mas a outros mecanismos de comunicação; “exclamações, gestos, expressões faciais, etc., também são linguagens; de outro modo, pinturas, emblemas e tudo que é regularmente reconhecido como “significando algo” também são linguagens” (Wagner e Mikesell, 2000, p. 116). Neste contexto, Kozel (2005 citando Harley, 1991) defende a importância de se considerar e reconhecer todo e qualquer tipo de representação como uma forma de linguagem das diferentes civilizações. Portanto, pode-se observar o papel fundamental que a linguagem desempenha quando nos referimos às representações.

Desta forma, o termo representação pode ser compreendido “como o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante ou realidade”. (KOZEL, 2005, p. 140-141).

Com a transformação da sociedade e, principalmente, com o grande desenvolvimento da tecnologia, o modo de representar vai se modificando. Como já foi dito, em um primeiro momento as representações referenciavam práticas da vida em sociedade, ritos, costumes, rotas, caminhos percorridos. Em seguida, com a expansão colonial, seguindo a lógica capitalista que desvendou dimensões do mundo ainda não conhecidas, se fez necessário formas mais precisas de representação. Nesse contexto, as representações cartográficas do espaço físico passaram por um processo de valorização que repercutiu sobre a cartografia. Conhecer o território passou a significar pensar o espaço e “saber agir sobre o terreno” (LACOSTE, 1997, p.55). Mediante tal valorização, pensar o espaço passou a ser uma exigência para as altas classes da sociedade, como salienta Lacoste (2007, p. 54):

Durante séculos o saber ler, escrever e contar foi o apanágio das classes dirigentes e, desse monopólio, elas obtinham um acréscimo de poder. Mas as transformações econômicas, sociais, políticas, culturais na Europa do século XIX, como hoje nos países ‘subdesenvolvidos’ fazem com que tenha se tornado indispensável que os homens saibam pensar o espaço

Como linguagem que, através de cartas e ou mapas, representa o espaço físico, ou seja, a superfície terrestre, o aporte cartográfico passou a ser também instrumento de dominação. A partir de um meio tecnicista e matemático, as classes dirigentes se utilizaram da representação cartográfica para mostrar o “mundo real”. Neste sentido,

embora os mapas tenham sido concebidos como uma representação plana e matematicamente precisa da superfície terrestre, eles contêm uma forma ideológica de apresentar o espaço geográfico, o que reflete, sobretudo, uma abordagem sociocultural, proveniente de um discurso, que muitas vezes é reproduzido e serve de manipulação ideológica. (KOZEL, 2005 apud GALVÃO, 2007, p. 54).

Entretanto, esta perspectiva tecnicista vem sendo repensada pela cartografia. No que concerne a abordagem cultural, as representações na Geografia fazem parte do conhecimento simbólico, assumem aspectos “da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo retificado da ciência e da política” (GALVÃO, 2007 apud GIL FILHO, 2007, p. 55). Dessa forma, a experiência cotidiana do homem no espaço parte de um conjunto de símbolos e signos que são criados e recriados continuamente, inserindo-se na lógica da produção, apropriação, percepção e representação da realidade.

REPRESENTAÇÃO COMO FORMA DE LINGUAGEM, ELEMENTO DE MEDIAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O ser humano elabora diversas representações sobre o mundo em que vive. Estas são historicamente constituídas e “oriundas das mais diversas formas de percepção tidas no interior e no movimento de sua existência social, psíquica e orgânica” (KIMURA, 2008, p. 133). Sobre o tema, Kimura (2008, p. 133) ainda acrescenta:

As representações feitas pelos homens, ao falarem do mundo do qual eles fazem parte, estão plenas de significado. Para sua elaboração, exercem um papel essencial a linguagem e a criação de signos que são suas expressões. A linguagem e a criação de signos, ao mesmo tempo, são inerentes à constituição dos homens e dos significados contidos em suas representações do mundo.

Podemos afirmar que as representações integram um universo de símbolos, impregnados da subjetividade das pessoas. Relacionada a este universo e desempenhando um papel importante, a linguagem se coloca como “a mediação necessária entre as coisas e seus significados mais ocultos” (GALVÃO apud GIL FILHO, 2007, p. 67). Para Galvão (apud GIL FILHO, 2007, p. 67), “a representação é expressão concreta, quer por manifestação, quer por emanção de uma vontade incontida do aqui e agora, e não admite redução a nenhuma outra forma semelhante. A individuação da representação é expressa por meio de formas concretas mediadas pela linguagem”.

Conforme apontamos, a linguagem desempenha um papel fundamental quando nos referimos às representações, uma vez que, de acordo com Gil Filho (2005), encarnam a possibilidade de reapresentação do mundo. No que se refere ao ensino, se pode afirmar que trabalhar em sala de aula com diferentes linguagens é uma proposição didática que se coaduna com a perspectiva apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Neste, encontra-se que a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informações. As obras literárias brasileiras, por exemplo, retratam diferentes paisagens, bem como aspectos sociais, culturais e naturais, evidenciando representações do espaço. As produções musicais, a fotografia, o cinema, são outros exemplos de fontes capazes de possibilitar a mediação metodológica entre os conhecimentos sobre o espaço geográfico e as vivências cotidianas, no ambiente de sala de aula, conforme afirma Katuta (2007, p. 235):

As letras das canções, as poesias, os textos em prosa, as pinturas, as histórias em quadrinhos, os filmes, as telenovelas, entre outros, apresentam as espacialidades vivenciadas pelos diferentes grupos sociais. São formas de registro das Geografias de cada um de nós, daí a importância de serem repensadas e (re)apropriadas pelos professores desta disciplina

As diferentes linguagens podem auxiliar a Geografia na busca de informações e servir como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. Assim, é importante que os professores busquem ampliar o leque de linguagens a serem utilizadas como recurso didático para abordar temas da Geografia. Ainda nesta perspectiva, Guimarães (2007, p.50) mostra que:

O ensino de Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos alunos produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo. A literatura, o cinema, o teatro, a música, a televisão, a fotografia, os textos informativos, os gráficos e mapas, são linguagens que devem estar presentes na Geografia escolar.

As linguagens são importantes veículos didáticos, não só como uma forma de deixar as aulas atraentes e dinâmicas, mas como recurso que oferece ao aluno a oportunidade de enriquecimento cultural, de aproximação entre a realidade cotidiana e aquela exposta no conteúdo ministrado pelo professor.

O DESENHO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA

A sala de aula apresenta-se como um espaço plural onde se entrecruzam diferentes realidades. Neste sentido, constitui-se um desafio para o professor lidar com essa diversidade, que inclui também variados modos de apreensão dos conteúdos por parte dos alunos.

Diante dessa complexa realidade, torna-se fundamental que o professor fundamente sua atuação em metodologias que sejam eficientes e atrativas, despertando o interesse do aluno pelo aprender. Todavia, é reconhecível que as aulas expositivas ainda são a estratégia metodológica mais usada por significativa parcela de professores. Não desconsiderando a eficiência desse tipo de aula, dependendo da densidade da exposição, da natureza do conteúdo, dos objetivos da aula, entre outros fatores, faz-se mister ressaltar a importância do recurso didático como mediador do processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, aliar a exposição do professor aos recursos didáticos torna-se uma estratégia positiva no sentido de que a aula adquire outra dinâmica, tornando-se mais criativa, instigante e potencializadora da aprendizagem. Não é demais afirmar que a curiosidade é um ponto que, quando aguçado, estimula o desejo de aprender, a ânsia de descobrir o mundo. De acordo com Alves (2004, 62):

A curiosidade é a voz do corpo fascinado com o mundo. A curiosidade quer aprender o mundo. A curiosidade jamais tem preguiça! Por amor à criança – e ao corpo – não seria possível pensar que o nosso dever primeiro seria satisfazer essa curiosidade original, que faz com que a aprendizagem do mundo seja um prazer?

Assim, trabalhar com recursos didáticos como estratégia de ensino é uma prática prazerosa, que prima pela curiosidade, criatividade e autonomia dos sujeitos aprendizes. Neste contexto, se destaca o desenho como recurso didático que, por ser rico em traços e cores, “abre caminhos de análise para a ciência geográfica, estimulando no leitor dessa imagem, não só a interpretação, mas a curiosidade, a imaginação, o desejo, as sensações geográficas” (DANTAS; MORAIS, 2008, p. 149).

O desenho é uma forma de linguagem que representa e se aproxima da realidade cotidiana. Quando lidamos com o desenho, estamos lidando com o aspecto visual da memória (SANTOS, 2006), este é então um texto da realidade. Na Geografia, os desenhos podem ser vistos como forma e/ou representação espacial, tendo em vista que, muitas vezes, representam espaços vividos e práticas sociais. “É por meio do desenho, em atividade individual ou coletiva, que o não-dito se expressa nas formas, nas cores, na organização e na distribuição

espacial” (PONTUSCHKA, et al. 2007, p. 293). Ao desenharmos estamos expressando nossa própria visão e raciocínio das “coisas”.

Segundo Frange e Vasconcellos (2004, p.10), para desenhar é preciso estimular o olhar, pois “o olhar constrói, não é neutro, não é passivo, enfim, não é uma simples janela a ser aberta para o mundo”. Os referidos autores (2004, p. 48) acrescentam:

O desenho, enquanto uma criação social, não está fora de um espaço de relações que são construídas, nas quais grupos sociais se expressam, emitem valores, concepções de vida, enfim, é o resultado de experiências diversas provocadas e estimuladas, constituindo costumes de homens, mulheres e crianças. É o olhar que interfere na paisagem experimentada, desenhar é uma expressão pouco usual, principalmente numa sociedade da imagem massificada, da informação rápida, rasteira e efêmera.

Certamente, este é um recurso que desperta e atrai a atenção dos alunos por ser algo presente no dia-a-dia de todos. O desenho apresenta-se como um suporte que pode e deve ser aliado do ensino de Geografia, visto que a leitura deste recurso visual estimula o senso crítico, desenvolve a capacidade de contextualização, interpretação e análise do aluno. Outrossim, permite a realização de uma abordagem mais subjetiva dos temas expostos, possibilitando que o professor não se mantenha preso a mecanismos da abordagem racionalista.

MODALIDADES DO DESENHO

O desenho apresenta duas modalidades, podendo ser espontâneo (quando nasce de uma vontade “natural”) ou imitativo, quando se tenta copiar uma imagem do “real”. Para Santos (2006, p.196), os desenhos “possuem um encanto próprio, sensibilidade e são frutos de uma atividade prazerosa”. Eles podem refletir situações da vida cotidiana, sonhos e medos. Entre os desenhos - espontâneos e imitativos - podemos elencar algumas modalidades que interessam ao campo geográfico, como o desenho de trajetos e o desenho de paisagens.

Nos desenhos de trajetos, os indivíduos podem realizar mental ou geograficamente um caminho a seguir. Todos os trajetos têm como estrutura básica uma sequência espacial, ou seja, uma ordem espacial associada a um deslocamento no espaço em um período de tempo (PONTUSCHKA, et al., 2007). Ainda para esta autora, o desenho de paisagem pode mostrar “uma bela vista da natureza imaginada ou ainda uma de caráter urbano” (PONTUSCHKA, et al., 2007, p. 298). Ao desenharmos paisagens estamos desenvolvendo nossa sensibilidade por meio da visão, mas também podemos representar as sensações advindas de outros órgãos sensitivos, como o olfato e a audição. Para além de um texto sobre a realidade, os desenhos

(espontâneos ou imitativos) são “esquemas gráficos de organização da relação do ser humano com o mundo (PONTUSCHKA, 2007, p. 302).

Outra forma da arte de desenhar é representada pelo croqui. Para Pontuschka (2007), o croqui é um desenho, um esquema rápido, utilizado antigamente pelos geógrafos nos trabalhos de campo e também pelos professores de Geografia em sala de aula, para explicação dos fenômenos e dos processos físicos-naturais e humanos. Existem vários tipos de croquis, sendo três os que mais interessam a Geografia: o de análise/localização, o de correlação e o de síntese.

O croqui de análise/localização apresenta dado fenômeno de forma isolada; o croqui de correlação estabelece dois ou mais fenômenos ocorridos em um mesmo espaço; e o croqui de síntese, estabelece relações entre diversos fenômenos em determinado espaço. Apesar das distinções os três croquis apresentam um ponto em comum, representam as informações de forma simplificada e estilizada. Seus elementos obrigatórios são: título (expressar o conteúdo) e legenda (explicar os símbolos utilizados). Podem ser confeccionados a partir de observações *in lócus*, destacando paisagens, construções, aglomerados urbanos, dentre outros, baseados nas fotografias frontais e aéreas verticais, que podem ajudar a destacar elementos mais significativos da paisagem.

É preciso ressaltar que o desenho ultrapassa o ato artístico e o recurso imagético, sendo importante instrumento para a localização espacial. Os croquis e os desenhos de trajetos são ferramentas eficazes para trabalhar nos indivíduos o sentido de orientação e localização no espaço geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre os modos de apropriação e representação espaciais supõe também pensar a respeito de como foram sendo delineadas na experiência cotidiana. Para tal, é necessário um esforço na tentativa de explicar, senão de apresentar estas noções que empreendem uma assimilação da realidade. A Geografia utiliza a expressão “representação espacial” para dada operação onde se expressa graficamente uma imagem presente em nosso imaginário. No entanto, poderíamos utilizar a expressão “representações espaciais mentais” para melhor designar tal operação, que é uma forma de linguagem.

Ensinar Geografia utilizando múltiplas linguagens como recurso metodológico é uma estratégia para que as aulas se tornem mais interessantes e, assim, despertem a atenção dos

alunos, propicie a articulação dos saberes e aproxime o conteúdo da aula à realidade, já que, muitas vezes, parece distante da vida cotidiana.

A prática docente deve proporcionar momentos diferentes na sala de aula, enriquecendo-a, fazendo desse ambiente um lugar onde o aluno pode se expressar, aprender e adquirir conhecimentos. Nesse processo, é salutar que o professor utilize ferramentas que se mostrem favoráveis (como o desenho) a aprendizagem do aluno e eficientes no sentido de superar a dicotomia entre teoria e prática no decorrer da aula. Além do desenho, outros recursos didáticos como slides, vídeos, músicas, textos literários, imagens, jornais, etc., podem ser explorados nas aulas de Geografia, sempre de forma articulada ao conteúdo, visando estimular a participação dos alunos. Na sociedade atual, em que diferentes mídias, linguagens e representações foram disseminadas, torna-se um imperativo para o professor repensar constantemente sua prática. Esta autoreflexão está norteada não somente pelo desejo de obter êxito em seu ofício, mas também de contribuir, no âmbito da Educação Geográfica, para a formação cidadãos críticos e conscientes de seu papel na construção do espaço geográfico.

Ensinar não é somente transmitir conhecimentos, mas construir estratégias que estimulem o aluno a aprender. É assumir o desafio de participar de um jogo de quebra-cabeça que tem um desenho incompleto. E, na incompletude desse desenho, há sempre um pedaço faltando que motiva a busca pelo seu preenchimento. Este é, pois, o que motiva e desafia o sujeito a construir e incorporar alternativas que favoreçam a construção da peça que falta, tornando salutar participar desse jogo. Assim, transitando por um verdadeiro labirinto, delineia-se o saber-fazer docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. *Entre a ciência e a sapiência*. O dilema da educação. São Paulo: Loyola, 2004.

DANTAS, Eugênia M.; MORAIS, Ione R. D. O ensino de geografia e a imagem: universo de possibilidades. In: DANTAS, Eugênia M.; BURITI, Iranilson. (orgs.). *Metodologia do ensino e da pesquisa: caminhos de investigação*. João Pessoa: Idéia, 2008, p. 147-160.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994. 2v.

- FRANGE, Lucimar Bello Pereira; VASCONCELLOS, Luiz Gonzaga Falcão (orgs.). *Oficina de desenho urbano: desenhando e construindo a cidade no cerrado*. 2ª ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia / PROEX, 2004. (CD-ROOM).
- GALVÃO, Wilson. *Que geografia se ensina? – um estudo sobre as representações de Geografia segundo alunos da 6ª série do ensino fundamental*. UFP. Curitiba: 2007. (Dissertação de mestrado).
- KATUTA, A. M. A educação docente: (re)pensando as suas práticas e linguagens. *Terra Livre – Geografia e Ensino, Presidente Prudente*, v.1, n.28, p. 221 – 238, jan-jun, 2007.
- KIMURA, Shoko. *Geografia no ensino básico: questões e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOZEL, Salette. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. In.: SEEMANN, Jörn (Org.). *A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- LACOSTE, Yves. *A Geografia – Isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Tradução: Maria Cecília França. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1997.
- MCDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D. et al. (Org.) *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- PONTUSCHKA, Nídia Nascib; et. al. *Para ensinar e aprender geografia*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).
- SANTOS, Clezio. O uso de desenhos no ensino fundamental: imagens e conceitos. In: PONTUSCHKA, Nídia Nascib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (orgs.). *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2006.
- WAGNER, Philip L. MIKESELL, Marvin, W. Temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 111 – 163.